

#cm
2
QUINTA-FEIRA

A REVOLUÇÃO NEGRA NOS PALCOS

Em cartaz no CCBB Rio, a peça **“Tudo Preto: uma re_vista”** resgata a **trajetória da Companhia Negra de Revistas**, grupo fundamental que **desafiou o racismo e a invisibilidade artística** no Brasil **há um século**. Página 2



Ira Barillo/Divulgação

'Tudo Preto: uma re_vista' resgata espetáculo emblemático da curta trajetória da Companhia Negra de Revistas

Passado em atrito com o presente

'Tudo Preto: uma re_vista' ocupa o CCBB no centenário da Companhia Negra de Revistas, criada por De Chocolat em 1926

Quando "Tudo Preto" estreou no Teatro Rialto, no Rio, em julho de 1926, a abolição tinha menos de 40 anos, 38 mais precisamente. A Companhia Negra de Revistas, criada pelo ator e cantor De Chocolat, punha em cena artistas negros num país em que a presença negra era decisiva na música e na cidade, mas raramente recebia o mesmo direito de autoria, protagonismo e memória. Cem anos depois, "Tudo Preto: uma re_vista" volta ao tema no Teatro I do

CCBB, em montagem de Mauricio Lima e Tainah Longras.

A palavra "re_vista" explica. A dupla de direção parte do texto de De Chocolat e faz dele um reencontro crítico com um arquivo que sobreviveu de modo fragmentário. A montagem observa o teatro de revista não como gênero menor, mas como uma máquina popular de canções, dança, comentário urbano e sátira. E pergunta o que acontece quando essa forma, historicamente submetida a hierarquias de gosto, é relida a partir de quem a construiu e de quem ficou fora dos relatos consagrados sobre a cultura brasileira.

A Companhia Negra de Revistas teve vida breve, mas impacto desproporcional à sua duração. Pesquisas sobre o grupo registram que "Tudo Preto" discutia mestiçagem, racismo, cultura negra e pertencimento nacional diante de um público amplo e diverso. Seu elenco reuniu nomes como De Chocolat, Pixinguinha e Sebastião Cirino. A empresa circulou pelo Rio e por São Paulo antes de se dissolver em 1927, em meio a tensões internas e ao racismo.

“A revista, gênero teatral historicamente subestimado, visto muitas vezes apenas pela ótica do entretenimento, nos ofereceu um campo fértil para experimentação de linguagem e criação de cenas onde o pensamento crítico, o teatro, a dança e as sonoridades dialogam sem hierarquias”

MAURÍCIO LIMA

Na nova encenação, Afroflor, Beà Ayòlá, Juliane Cruz, Lucas Sampaio, Lux Nègre e Nely Coelho são atores-cantores em diálogo com os personagens e as situações da obra de 1926. Benedito e Patrício, que procuram o elenco da primeira companhia negra de revistas, conduzem uma travessia por tipos urbanos e por um Rio em que a cidadania negra ainda era uma disputa aberta, muito depois do fim jurídico da escravidão.

Para Mauricio Lima, a revista, tantas vezes vista apenas pela ótica do entretenimento, permite outra arquitetura de cena: "A revista, gênero teatral historicamente subestimado, visto muitas vezes apenas pela ótica do entretenimento, nos ofereceu um campo fértil para experimentação de linguagem e criação de cenas onde o pensamento crítico, o teatro, a dança e as sonoridades dialogam sem hierarquias". Não há uma separação en-

tre memória e presente. O passado exige do agora forma, voz e corpo.

Sua colega de montagem, Tainah Longras, situa a continuidade da pesquisa no próprio modo de criar. "Nessa peça nós damos sequência tanto à pesquisa com relação à Companhia Negra de Revistas quanto à pesquisa estética que experimenta sonoridades que sampleiam esses 100 anos de história, elementos tradicionais em tensionamento com dispositivos mais contemporâneos, incorporações de poses de bailarinos dos anos 1920 registradas em fotografias e a relação com outros arquivos corpóreos, entre outras estratégias para lidar cenicamente com essa matéria historiográfica". É uma reescrita que não apaga a peça de De Chocolat, mas a põe em atrito com o presente.

A música, dirigida por Muato, participa dessa ponte. Instrumentos acústicos e sons eletrônicos se atravessam, enquanto os sopros evocam Pixinguinha, o choro e outras sonoridades brasileiras e pretas. "A ideia é que a música tenha uma forte interação entre os instrumentos acústicos e os sons eletrônicos", afirma o diretor musical. A ideia de contracanto — uma linha que não apaga a melodia principal, mas a amplia — ilustra a montagem: vozes de épocas diferentes coexistem sem a obrigação de se tornar uma só.

A cenografia de Júlia Vicente tem no centro uma escultura negra, cuja presença responde ao volume do arquivo mobilizado pela montagem: "Essa escultura negra é uma tentativa de materializar o volume de material histórico com o qual lidamos nessa pesquisa continuada. É um volume que tem agência e camadas em cena, mas que não são tão simples de decifrar", explica a diretora de arte. Figurinos e movimento afastam a exposição estática: há referência a Josephine Baker, à dança de revista e a corpos portadores de conhecimento. Para o diretor de movimento Rômulo Galvão, "buscamos extrair pequenas células de ação e de ritmo que servissem como disparadores para a criação de novas sequências coreográficas".

A peça nasce no mesmo percurso de "Vinte!", criação anterior de Lima e Longras, vencedora do Prêmio Shell de dramaturgia em 2026. Em vez de repetir uma história cultural em que o moderno começa sempre em 1922 e em São Paulo, "Tudo Preto: uma re_vista" recoloca 1926, o Rio e uma companhia negra no centro da conversa.

SERVIÇO

TUDO PRETO: UMA RE_VISTA

CCBB Rio de Janeiro — Teatro I (Rua Primeiro de Março, 66, Centro)

Até 13/9; quarta a sábado, às 19h, e domingo, às 18h

Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Aos pés de **La Binoche**

Diva francesa que brilhou na Berlinale deste ano com 'Queen At Sea' lança enfim, em telas nacionais, seu primeiro experimento na direção: o ensaio 'In-I Motion'

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Cerca de onze meses depois de mobilizar o público do Odeon, aqui na Cinelândia, Juliette Binoche finalmente vê chegar ao circuito brasileiro "In-I In Motion", seu primeiro filme como realizadora. Ele foi feito a partir da experiência de criação de um espetáculo de dança com o britânico Akram Khan. A atriz francesa, que esteve no Festival do Rio de 2025 para apresentar esse ensaio documental, ensaia agora (de longe) um (re)encontro com o público brasileiro depois de um 2026 em que também brilhou na Berlinale como protagonista de "Queen at Sea".

Esse drama dirigido por Lance Hammer é fotografado pelo paulista Adolpho Veloso, diretor de fotografia indicado ao Oscar por "Sonhos de Trem". O longa britânico levou o Urso de Prata do Júri em Berlim, enquanto Binoche dividiu a cena com dois veteranos de atuações de doer na alma: Anna Calder-Marshall e Tom Courtenay. "Existem imagens do cinema brasileiro que eu guardo comigo. Walter Salles, por exemplo, é um diretor de que gosto muito, pois eu nunca esqueço do plano de abertura de 'Central do Brasil'. Ele gosta de gente e sua arte reflete isso", disse Binoche, que aos 62 anos já soma quatro décadas de carreira e foi premiada com o Oscar de Melhor Atriz Coadjuvante por "O Paciente Inglês", em 1997. "Eu amo todas as formas de arte, pois artisticamente eu posso conhecer melhor a condição humana".

A relação com o Brasil ganhou significado especial depois de sua passagem pela presidência do júri Cannes, em 2025, quando "O Agente Secreto", de Kleber Men-



Miao Productions



Berlinale.de

Juliette Binoche e Akram Khan nos ensaios de 'In I In Motion'

Juliette Binoche em sua passagem pelo Festival de Berlim, em fevereiro

“Eu amo todas as formas de arte, pois artisticamente eu posso conhecer melhor a condição humana”

JULIETE BINOCHÉ

donça Filho, recebeu os prêmios de Melhor Diretor e Melhor Ator (dado para Wagner Moura). Sua visita ao Festival do Rio do ano passado, no entanto, tinha como principal motivo outro marco de sua carreira. "In-I In Motion" nasceu de uma experiência iniciada em 2007, quando Binoche se uniu ao bailarino e coreógrafo britânico Akram Khan para criar um espetáculo de dança. Ele se chamava "In-I". Durante seis meses, os dois desenvolveram uma performance que cruzava dança, teatro e movimento e que posteriormente foi

apresentada cerca de 100 vezes em diferentes países.

O filme revisita esse processo criativo a partir de dezenas de horas de imagens de ensaios e apresentações. A proposta é registrar não apenas o resultado da performance, mas as dúvidas, os riscos e a vulnerabilidade envolvidos na construção de uma obra artística.

A primeira versão de "In-I In Motion" foi exibida no Festival de San Sebastián, fora de competição, mas Binoche decidiu continuar trabalhando no material.

"Preciso confessar que, após San

Sebastián, cortei 30 minutos do que havia apresentado lá, por sentir que o filme estava longo. O que vocês verão aqui é uma versão nova de uma narrativa que se guia pela sensação", contou ao Correio. "Eu sigo trabalhando no material em busca de sua verdade".

A ideia de transformar aquela experiência em cinema surgiu, em parte, por sugestão de um espectador ilustre. "Quando fizemos uma apresentação em Nova York, Robert Redford foi nos assistir e disse: 'Faça um filme'", recordou. Binoche tinha à disposição registros dos ensaios

e decidiu partir daquele material. "Tínhamos vídeos dos ensaios e partimos deles, trabalhando ainda com filmagens dos últimos shows. Nosso desafio era dar uma forma para o que tínhamos. Se a ideia é fazer cinema, um artista precisa ser ele mesmo, ter sua voz".

A montagem procura fazer do próprio ato de criação o assunto central. O reencontro com as imagens, 16 anos depois da criação do espetáculo, permitiu à atriz e agora diretora observar de outra maneira a intensidade daquela colaboração. O filme acompanha a dupla desde a primeira inspiração até a apresentação diante do público, explorando a mistura de medo, desejo, humor e descoberta que acompanha qualquer processo artístico.

Produzido por Binoche e Sébastien de Fonseca, "In-I In Motion" também marca uma nova etapa na carreira da atriz, que passou a experimentar o cinema a partir de uma posição diferente daquela que ocupou durante décadas diante das câmeras. O longa teve sessões em festivais internacionais e ganhou distribuição mundial pela mk2 Films.

A experiência, para Binoche, não representa um afastamento da atuação, mas uma ampliação de seu campo de criação. Ao transformar em cinema uma parceria artística construída quase duas décadas antes, ela investiga justamente aquilo que sempre esteve no centro de sua trajetória: nossos dilemas existenciais.

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Vencedor do Kikito de Melhor Filme no 54º Festival de Cinema de Gramado, “Nosso Segredo”, de Grace Passô, chega aos cinemas nesta quinta-feira (27) já com uma potencial missão pela frente: pode ser essa joia de verve decolonial a escolha oficial para representar o Brasil no Oscar 2027. O longa foi um dos 15 títulos anunciados na última segunda-feira pela Academia Brasileira de Cinema numa lista de produções habilitadas a disputar a indicação na categoria de Melhor Filme Internacional.

A seleção reúne longas-metragens de cineastas de diferentes gerações e regiões do país, entre ficções, documentários, dramas históricos e produções de forte vocação autoral. Agora, os 15 candidatos serão avaliados por uma comissão de seleção formada por 15 integrantes, que se reunirá em 9 de setembro para reduzir a relação a seis finalistas. O representante brasileiro será anunciado no dia 16. Conheça os concorrentes:

“100 DIAS” — CARLOS SALDANHA

Conhecido internacionalmente por animações como “Rio” e “A Era do Gelo”, Carlos Saldanha parte para o cinema de ação e aventura em uma história baseada na trajetória de Amyr Klink. O filme acompanha a travessia solitária do navegador pelo Atlântico Sul, realizada em 1984 a bordo de um barco a remo. A estreia comercial está marcada para 29 de outubro.

“A CONSPIRAÇÃO CON-DOR” — ANDRÉ STURM

Mel Lisboa e Dan Stulbach protagonizam o thriller político de André Sturm, ambientado em 1976, quando as mortes de Juscelino Kubitschek e João Goulart levantam suspeitas sobre uma possível conspiração ligada à ditadura militar. A trama acompanha uma jornalista que decide investigar a sucessão de tragédias. O filme chegou aos cinemas brasileiros em abril.

“A FABULOSA MÁQUINA DO TEMPO” — ELIZA CAPAI

Depois de “Espero tua (Re)volta”, Eliza Capai volta ao documentário para acompanhar meninas de uma pequena cidade do sertão do Piauí. Entre brincadeiras, TikTok e histórias familiares, elas imaginam uma máquina capaz de revisitar o passado de mães e avós e projetar um futuro diferente. A obra já passou pela Berlinale e chegou ao circuito brasileiro em julho.

“A NATUREZA DAS COISAS



Nosso Segredo

O bonde dos 15

Academia Brasileira de Cinema se prepara para escolher o representante nacional para o Oscar 2027 e dá pontapé inicial da decisão com uma peneira de nossas expressões autorais



Feito Pipa



Vicentina Pede Desculpas

INVISÍVEIS” — RAFAELA CAMELO

O longa de Rafaela Camelo acompanha Glória, de 10 anos, durante as férias no hospital onde sua mãe trabalha, onde conhece Sofia, uma menina preocupada com a saúde da bisavó. A amizade entre as duas conduz uma história sobre infância, perda e transformação. Coprodução Brasil-Chile, o filme estreou na Berlinale do ano passado e chegou aos cinemas brasileiros pela Sessão Vitrine Petrobras.

“ATO NOTURNO” — MARCIO REOLON E FILIPE MATZEMBACHER

A dupla gaúcha de “Tinta Bruta” retorna com um thriller sobre desejo, poder e os bastidores da carreira artística. O protagonista é um jovem ator em busca de sua primeira grande oportunidade em Porto Alegre, envolvido secretamente com um poderoso político. O filme teve estreia mundial na Berlinale e passou pelo Festival do Rio antes de chegar ao circuito comercial.

“CINCO TIPOS DE MEDO” — BRUNO BINI

Vencedor do Kikito de Melhor Filme no Festival de Gramado de 2025, este thriller de ação costura diferentes personagens em torno da violência urbana. Murilo se apaixona por Marlene, enfermeira ligada a um traficante, enquanto uma policial, um advogado e uma liderança comunitária entram no mesmo circuito de conflitos. A produção também levou prêmios de roteiro, montagem e ator coadjuvante em Gramado.

“DOLORES” — MARIA CLARA ESCOBAR E MARCELO GOMES

Concebido originalmente pelo cineasta Chico Teixeira, morto em 2019, “Dolores” foi concluído pelo realizador de “Cinema, Aspirinas e Urubus” (2005) em parceria com a diretora de “Os Dias Com Ele” (2013). Carla Ribas interpreta uma mulher de 65 anos que tem a premonição de abrir um cassino, numa história que retoma o interesse de Teixeira pelas relações familiares e pelos conflitos cotidianos. O filme

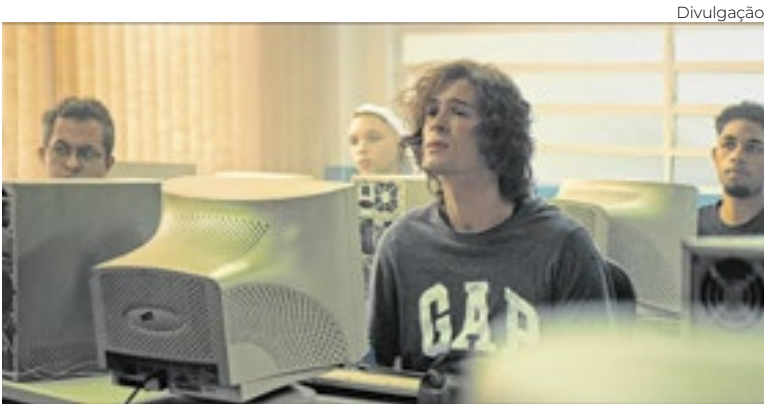
Divulgação

Fabio Braga/Pivô Audiovisual

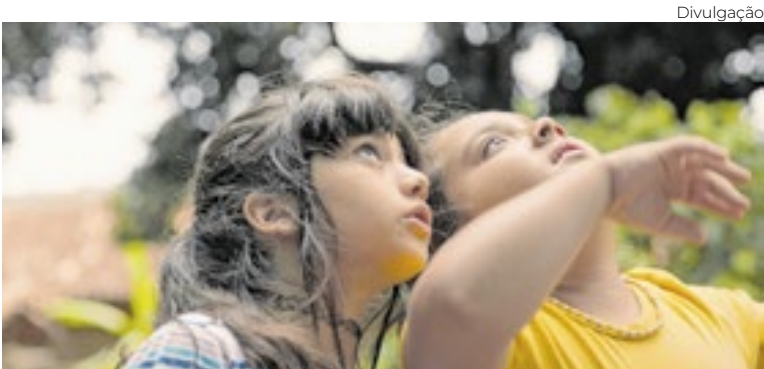
100 Dias

Divulgação

Divulgação



O Rei da Internet



A Natureza das Coisas Invisíveis



Cinco Tipos de Medo



Malês



Cinco Tipos de Medo



Dolores

teve passagem por San Sebastián e pela Mostra de São Paulo.

“FEITO PIPA” — ALLAN DEBERTON

Depois de conquistar dois prêmios na Berlinale, incluindo o Urso de Cristal, o diretor de “Pacarrete” (2019) chegou a Gramado com um de seus filmes mais fortes. Yuri Gomes interpreta Gugu, menino criado pela avó Dilma, vivida por Teca Pereira, enquanto a doença de Alzheimer começa a avançar sobre ela. Lázaro Ramos interpreta o pai

do garoto. Em Gramado, Teca venceu o Kikito de Melhor Atriz.

“HERANÇA DE NARCISA” — CLARISSA APPELT E DANIEL DIAS

Esse thriller sombrio mergulha no terreno do horror psicológico para acompanhar Ana após a morte da mãe, a ex-vedete Narcisa. Ao decidir vender o casarão de infância e dividir a herança com o irmão, ela se depara com memórias e acontecimentos que transformam a limpeza da antiga casa em uma jornada

sombria. O filme passou pela Première Brasil do Festival do Rio.

“NOSSO SEGREDO” — GRACE PASSÔ

Primeiro longa dirigido pela aclamada estrela de “Temporada” (2018) acompanha uma família negra tentando reconstruir a vida depois de uma perda. Enquanto cada integrante enfrenta o luto de uma maneira, o filho caçula guarda um segredo que pode alterar a forma como todos encaram as próprias dores. O filme estreou na Berlinale

e acaba de conquistar o Kikito de Melhor Filme em Gramado.

“O REI DA INTERNET” — FABRÍCIO BITTAR

João Guilherme interpreta Daniel Nascimento, jovem hacker que, antes de completar 17 anos, acumula milhões de reais com golpes virtuais e constrói uma vida de luxo e influência. O império digital, porém, começa a desmoronar quando ele passa a ser investigado pela Polícia Federal. Marcelo Serrado também está no elenco do

filme, projetado no BAFICI, o festival de Buenos Aires.

“QUANDO VIRA A ESQUINA” — CHRIS ALCAZAR

Um ensaio documental investigativo que mergulha no cotidiano das mulheres radicadas profissionalmente na Vila Mimosa, no Rio de Janeiro, um dos mais conhecidos territórios de prostituição do país. Sem recorrer ao sensacionalismo, a cineasta constrói o filme a partir dos relatos das próprias trabalhadoras sexuais. A produção recebeu o prêmio de Melhor Trilha Sonora Original no Festival do Rio de 2024.

“MALÊS” — ANTONIO PITANGA

O astro-rei do Cinema Novo transforma em épico a Revolta dos Malês, levante de africanos muçulmanos escravizados ocorrido em Salvador, em 1835. A história acompanha personagens separados à força de suas terras de origem, ligadas ao Islã, que deflagram a maior insurreição urbana de escravizados do Brasil. Com Camila e Rocco Pitanga no elenco, o filme procura recuperar um episódio fundamental da resistência negra.

“PAPAGAIOS” — DOUGLAS SOARES

Este suspense queer, estrelado por Gero Camilo, Ruan Aguiar e Leo Jaime, chegou a Gramado em 2025 e saiu do festival com quatro Kikitos. O longa recebeu os prêmios de Melhor Filme pelo Júri Popular, Melhor Ator para Gero Camilo, Direção de Arte e Desenho de Som. É uma das produções da lista que aposta no cinema de gênero para disputar a vaga brasileira. Narra as peripécias de um sujeito cujo prazer é aparecer em telejornais em pontas, roubando cenas.

“VICENTINA PEDE DESCULPAS” — GABRIEL MARTINS

Depois do impacto internacional de “Marte Um”, Gabito (apelido do realizador mineiro) volta a investigar as relações familiares em uma história sobre luto, culpa e perdão. Rejane Faria interpreta Vicentina, mulher que perde o filho em um acidente de ônibus e, diante da suspeita de que ele tenha provocado a tragédia de propósito, decide procurar as famílias das vítimas para pedir desculpas. O longa disputa a Concha de Ouro em San Sebastián.

A escolha do representante brasileiro será feita dentro das regras da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood. Para entrar na disputa nacional, os filmes precisaram ter estreado comercialmente entre 1º de outubro de 2025 e 30 de setembro de 2026, permanecendo em cartaz por pelo menos sete dias consecutivos em salas comerciais. A cerimônia do Oscar 2027 está marcada para 14 de março.

Pedro Pinheiro/Divulgação



Gabriel Sater vai abrir a turnê com show gratuito em praça pública de Sorocaba

Gabriel Sater põe o pé na estrada

Cantor e violeiro abre turnê de lançamento do novo álbum que combina material novo, releituras e algumas parcerias

AFFONSO NUNES

Gabriel Sater estreia neste sábado (29), em Sorocaba (SP), a turnê de “25 Anos de Música”, álbum lançado em maio e que atravessa sua trajetória como cantor, compositor, instrumentista e produtor. A apresentação acontece no Festival Multicultural, no Parque do Paço Municipal, com entrada gratuita, e inaugura uma agenda que depois passará por Minas, São Paulo e Paraná.

Ao reunir dez faixas — oito autorais, duas instrumentais e duas composições de outros autores —, Sater dá forma a um percurso que passou pela viola, pela canção popular, pela música de raiz e, mais recentemente, por uma presença de grande alcance na televisão. O cantor

chama o trabalho de homenagem aos anos dedicados à música, mas também o descreve como começo de um ciclo.

“Sinto esse trabalho como uma homenagem aos meus 25 anos de dedicação à música, uma forma de agradecer tudo que vivi, todos os profissionais que trabalhei, parceiros que muito me ensinaram e também o início de um novo ciclo repleto de novidades e sonhos a serem realizados nos próximos 25 anos. Rumo aos 50 anos de música!”, diz Gabriel.

O álbum não se fecha sobre sucessos conhecidos: abre espaço para composições inéditas, para canções que ganham nova produção e para participações que tornam visível a rede de colaboradores de sua trajetória. Entre esses encontros está Ivan Lins, convidado de “Me Ajuda”, faixa que tam-

“Esse trabalho é uma homenagem aos meus 25 anos de dedicação à música, uma forma de agradecer tudo que vivi, todos os profissionais que trabalhei, parceiros que muito me ensinaram e também o início de um novo ciclo repleto de novidades e sonhos”

GABRIEL SATER

bém ganhou clipe. O repertório inclui ainda “De Papo pro Ar”, cateretê de 1931 assinado por Joubert de Carvalho e Olegário Mariano, regravado por Sater com Jackson Antunes. A escolha coloca ao lado de canções novas uma peça de outra geração da música brasileira, sem tratar a tradição rural como peça de museu. É uma convivência coerente com o modo como a viola aparece na obra do artista: não como emblema fixo de origem, mas como instrumento capaz de atravessar arranjos, gêneros e histórias.

O disco foi construído com João

Gaspar e traz colaborações de Eric Silver, Negão dos Santos, Ian Sater e da Orquestra Sinfônica da UFMT. A variedade de parceiros ajuda a explicar o projeto menos como um retrato solitário do compositor e mais como registro de diálogos. Nas faixas autorais, o músico visita paisagens, afetos e referências que se acumulam em títulos como “Nas Montanhas de Minas”, “Marruá” e “Pedra Esmeralda”. “Sou apaixonado por aprender, estudar e evoluir todos os dias. A cada álbum me sinto mais maduro para cantar, tocar, compor, arranjar e produzir. O processo de gravação de cada álbum é único,

desafiador e muito enriquecedor. Ao lado de João Gaspar, escolhemos um repertório com composições inéditas que apresentam novas cores, influências e estilos musicais que trabalhamos nos últimos anos, além de convidarmos novos artistas para participações especiais. Também selecionamos algumas composições lançadas há mais de uma década, que fizeram muito sentido serem revisitadas, arranjadas e produzidas neste momento”, destaca o músico.

Comparações com o pai

A carreira de Gabriel Sater frequentemente chega ao público acompanhada pela comparação inevitável com Almir Sater. A filiação é parte relevante dessa história, mas não a esgota. Pai e filho dividiram a turnê “Pai e Filho” e a cena do remake de “Pantanal”, de 2022: Gabriel viveu Trindade, enquanto Almir retomou Eugênio, personagem da versão original. Na novela, o encontro chegou a um duelo de violas. A televisão ampliou a circulação de Gabriel, sem substituir o trabalho que ele vinha desenvolvendo em discos, palco e composição.

Antes de “25 Anos de Música”, os álbuns “Erva Doce” e “Faróis do Sertão” receberam indicações ao Grammy Latino. O novo lançamento acrescenta à discografia uma tentativa de conciliar os caminhos que o formaram: o desenho instrumental, a canção de rádio, a memória sertaneja e uma atenção persistente ao arranjo. Sater diz buscar amadurecer continuamente como intérprete, compositor, arranjador e produtor; o repertório é a parte concreta dessa ambição.

E o sertanejo pop nunca mais foi o mesmo

Xicotinho & Salto Alto, a dupla que levou humor, country e pop às feiras agrícolas nos anos 1990 se apresenta no Espaço BNDES

AFFONSO NUNES

Não é exato situar Xicotinho & Salto Alto como produto da cena alternativa dos anos 1990, embora a dupla tenha circulado por espaços descolados da Zona Sul. Stella Miranda e Katia Bronstein — então Katia B — encontraram um lugar bem mais improvável: o sertanejo de feiras agropecuárias, programas de auditório e grandes palcos, território quase inteiramente masculino naquele momento.

A parceria surgiu em 1992, em torno de personagens caipiras de visual exagerado, humor afiado e vozes que cantavam de Lindomar Castilho a canções inéditas de Marisa Monte, Herbert Vianna e integrantes dos Titãs, incluindo versões de canções da trilha sonora do longa “Nashville”, de Robert Altman, adaptadas por Stella. O resultado não obedecia à ortodoxia sertaneja nem à paródia:



Stella Miranda e Kátia Bronstein, atrizes e cantoras, retomam o duo Xicotinho & Salto Alto, uma sátira sofisticada sobre o universo sertanejo

era country-pop brasileiro, teatral e assumidamente feminino.

A dupla gravou um LP, apareceu no “Domingão do Faustão”,

abriu shows de Gilberto Gil e de estrelas sertanejas, chegou a se apresentar para 20 mil pessoas em Barretos e filmou em Nashville o clipe de

“Doida Demais”. A carreira, porém, foi curta: cada uma seguiu projetos próprios, e a dupla se dissolveu pouco depois do auge.

O retorno, articulado a partir de 2025, é renovado: mistura a canção caipira com pop e piseiro e revisita os arranjos vocais que tornaram o encontro incomum. “A gente falava com o povo”, disse Stella em entrevista no ano passado. “Temos humor, mas não é uma paródia”, destaca a parceira Katia.

O elenco da nova fase ajuda a medir a ambição musical da volta: Kassin no baixo, Charles Gavin na bateria, Rick Ferreira na guitarra e Fabrizio Iorio nos teclados, com direção visual de Gringo Cardia, parceiro desde a estreia. O repertório inclui ainda releituras de Tom Waits, Almir Sater, Raul Seixas e uma canção recente de João Gomes.

Nos dias de hoje, Xicotinho & Salto Alto já não podem ser consideradas peixes fora d’água: mulheres também se destacam na ca sertaneja, mas provavelmente não experimentarão como esta dupla.

SERVIÇO

XICOTINHO E SALTO ALTO

Espaço Cultural BNDES (Av. República do Chile, 100, Centro) 27/8, às 19h
Grátis com distribuição de ingressos a partir das 18h30

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Roberto Carlos volta ao Qualistage

Roberto Carlos se apresenta no Qualistage nesta quinta (27), às 21h30, em show que havia sido cancelado por problemas técnicos no último dia 15. O Rei canta repertório que atravessa décadas de sua carreira, dos hits da Jovem Guarda às baladas que fizeram dele um dos intérpretes mais populares do país. Os ingressos estão esgotados; quem comprou para a sessão original mantém a entrada válida.



Marcelo Perillier

Orquestra Furiosa na Casa do Choro

A Orquestra Furiosa Portátil volta à Casa do Choro nesta quinta (27), às 19h, com “Folia dos 60”, quinto concerto de sua temporada de 2026, dedicado ao cavaquinista, arranjador e compositor Jayme Vignoli. A apresentação abre as comemorações pelos 60 anos do músico, que serão celebrados em 2027, e reúne obras de sua produção. Vignoli transita entre o choro, a música de câmara e parcerias com nomes como Aldir Blanc.



Divulgação

Encontro reúne quatro corais na Tijuca

O Centro da Música Carioca Artur da Távola recebe quinta (27), às 19h, o Encontro de Corais, produzido por Nayana Torres e com Cantares (foto), Coro de Bolso, Ordinariuzão e Umas & Outras em Boa Companhia. A noite promete jogos vocais e uma experiência coletiva de canto com a plateia. Os grupos são regidos por Lilian Zamorano, Taiana Machado, Augusto Ordine, Celso Branco e Marcos Hamellin.



Divulgação

Aline Lessa canta obra de Gonzaguinha

Aline Lessa leva ao Blue Note Rio nesta quinta (27), às 22h30, o show “Guerreiros São Pessoas”, dedicado a Gonzaguinha. A cantora revisita a obra do compositor em repertório que atravessa canções de conflito, afeto e afirmação política, preservando a força autoral de um dos nomes decisivos da música brasileira. Antes dela, às 20h, tem show da sul-coreana Yumi Park cantando Elis Regina.



Divulgação

SÓ CARIOQUICES



por
FRED SOARES
@FREDAOSOARES

Mayrink Veiga: graças a seus microfones o Brasil ficou mais carioca

Coleção José Ramos Tinhorão/IMS

O Rio de Janeiro recebeu, ao longo das décadas, o selo de capital cultural do país. Foi capital federal até 1960 e, por isso, o que nascia aqui reverberava Brasil afora - as modas, as gírias, as manias. Nesse arranjo, a música ocupava a posição dianteira, sobretudo depois que a Era do Rádio transformou as antenas cariocas na porta de entrada da canção brasileira. Um artista só existia de verdade quando sua voz saía de um transmissor do Centro do Rio e chegava a uma sala de jantar em Belém ou a um armazém no interior de Minas.

Passou despercebido, este ano, um marco dessa história: em janeiro completaram-se cem anos da fundação da Rádio Mayrink Veiga, a primeira grande emissora comercial do país.

A origem tem algo de prosaico. A Mayrink Veiga & Companhia era uma casa de importação e exportação instalada na rua Municipal, no Centro. A estação nasceu como departamento da loja, meio propaganda, meio brinquedo caro do patrão. Enquanto Roquette-Pinto sonhava com o rádio como escola do povo, a Casa Mayrink Veiga descobria, sem cerimônia, que aquilo dava dinheiro. A rua depois trocava de nome: Mayrink Veiga, nome que perdura até hoje.

O salto veio em 1933, com César Ladeira na direção artística. Voz solene e cabeça de empresário, Ladeira inventou o que hoje chamaríamos de indústria: elenco contratado, proibição de bico em emissora rival, programas de quinze minutos e alunas que grudaram para sempre. Francisco Alves virou o Rei da Voz. Uma moça nascida em Portugal e criada na Lapa, primeira artista a assinar contrato de exclusividade na radiofonia brasileira, virou a Pequena Notável e saiu dali para o mundo. O nome dela? Carmen Miranda.



Noel Rosa numa escotilha do estúdio da Rádio Mayrink Veiga em foto de 1935

A Mayrink Veiga & Companhia

era uma casa de importação e exportação instalada na Rua Municipal, no Centro. A estação nasceu como departamento da loja, meio propaganda, meio brinquedo caro do patrão

Pelo microfone da PRA-9 passaram Noel Rosa, Sílvio Caldas, Vicente Celestino, Aurora Miranda, Mário Reis, Moreira da Silva, Carlos Galhardo, Lamartine Babo - o mesmo Lalá que anos depois daria hinos aos clubes cariocas.

A emissora tinha até hino próprio, gravado por Carlos Galhardo, cujos versos formavam em acróstico o prefixo da casa e proclamavam o orgulho de ser "mayrinkiano".

O trono durou pouco. A Rádio Nacional chegou em 1936 e, nos anos 40, com dinheiro federal, levou os astros e o próprio César Ladeira. A Mayrink resistiu no humor, resistiu na música, e nos anos 60 encontrou outra vocação: virou tribuna. Leonel Brizola ocupava seus microfones quase diariamente para prometer as reformas de base "na lei ou na marra", e a emissora se engajou

na Cadeia da Legalidade, que completou 65 anos esta semana.

Cobrou-se caro por isso. Em 1º de abril de 1964, a rádio ficou no ar defendendo Jango até o fim da tarde. Conta-se que o último programa era um humorístico, com o ator Zé Trindade em cena, quando um tenente entrou no auditório gritando que tinha acabado, que a rádio saía do ar. A plateia riu, achando que fazia parte do quadro. Em 1965 veio a cassação definitiva, e boa parte do acervo virou pó.

Cem anos depois, quem passa pela rua Mayrink Veiga não ouve nada. Restou o nome de uma loja que virou rádio, e de uma rádio que virou silêncio. Ondas não deixam ruínas. É preciso alguém para lembrar que passaram por ali e ajudam a construir a memória e a cultura do Rio de Janeiro.